

Aqui é Meu Lugar



**A RESISTÊNCIA DAS COMUNIDADES
DO CERRADO PARA A CONSTRUÇÃO
DE UM MUNDO SEM VENENOS**

Expediente

Texto:

Daniela Stefano, Teresa Paris e Maria Luisa Mendonça

Produção do podcast:

Daniela Stefano, Neide Oliveira e Terezinha Menezes

Fotos:

Geirllys Silva, Ariomara Alves Pessoa e José Cícero Silva (Agência Pública)

Diagramação:

Fábio Carvalho

Mídias Sociais:

Ariomara Alves Pessoa

Publicação:

Rede Social de Justiça e Direitos Humanos
Comissão Pastoral da Terra - Piauí
Coletivo de Povos e Comunidades Tradicionais do Cerrado

Apoio: DKA Austria

Para ouvir o podcast visite:
www.social.org.br

Julho, 2026



Introdução

Esta cartilha foi elaborada a partir de uma série especial do podcast “Aqui é Meu Lugar”, que traz as vozes das crianças do Cerrado para denunciar os impactos do uso de agrotóxicos pelo agronegócio.

O podcast “Aqui é Meu Lugar” - <https://social.org.br/podcast/> - é uma elaboração coletiva com comunidades tradicionais do Cerrado, produzida pela Rede Social de Justiça e Direitos Humanos em parceria com a Comissão Pastoral da Terra no Piauí e com o Coletivo de Povos e Comunidades Tradicionais do Cerrado.

O primeiro episódio do podcast foi lançado em julho de 2020, no contexto da pandemia de Covid 19, com o objetivo conectar as comunidades do Cerrado durante o isolamento. Para a primeira temporada, foram utilizados áudios coletados em 2019 durante trabalho de campo com comunidades no Piauí, Maranhão e Tocantins. As comunidades denunciaram impactos do agronegócio em seus territórios, como grilagem de terras, poluição das fontes de água, contaminação por agrotóxicos, queimadas e desmatamentos.

Atualmente o podcast está na 5ª temporada e sua produção é feita com participação comunitária e através de diversas oficinas de comunicação, que incluem definição de temas, gravação de entrevistas e divulgação. As oficinas e a produção do podcast têm um papel importante no fortalecimento da liderança de mulheres e jovens nas comunidades.

A série especial do podcast sobre os impactos dos agrotóxicos nas crianças também foi construída de forma coletiva. No processo de preparação foi importante destacar o protagonismo das próprias crianças nas oficinas e nas gravações das entrevistas, que trazem suas percepções e experiências.

O trabalho envolveu quatro comunidades de diferentes tradições: Parentina (quilombola) e Melancias (ribeirinha), no município de Gilbués; e Barra da Lagoa (ribeirinho-brejeira) e Vão do Vico (indígena Akroá Gamella), em Santa Filomena. Por questões de segurança, o nome e as imagens das crianças não foram identificadas.

As oficinas trataram do tema de forma lúdica, a partir de conversas sobre o cotidiano, vídeos e atividades educativas como desenhos e ‘plantação’ de sonhos, quando cada criança expressou o que gostaria que se realizasse em sua comunidade. Esta cartilha inclui imagens das oficinas e algumas falas das entrevistas com as crianças.

A construção de um mundo sem venenos

As crianças do Coletivo de Povos e Comunidades Tradicionais do Cerrado no Piauí explicam o que são agrotóxicos e os impactos nos territórios onde vivem.

“Agrotóxico é um tipo de produto químico usado nas fazendas do agronegócio”.



Os venenos usados pelo agronegócio são transportados pela chuva até os territórios das comunidades. Com isso, o solo e as águas que abastecem as comunidades são contaminadas.

**“Pode trazer doenças na lavoura
e se algum animal comer pode matar.
Se as pessoas comerem também pode
prejudicar a saúde”.**



Nas partes altas do Cerrado, onde antes tinha floresta, muitas árvores frutíferas e animais, o agronegócio se apropriou da terra para expandir monocultivos, principalmente de soja, e causou desmatamento e poluição com agrotóxicos. As comunidades do Cerrado sentem os graves impactos dos agrotóxicos, muitas vezes por pulverização aérea, quando esses venenos são jogados de aviões das fazendas do agronegócio.

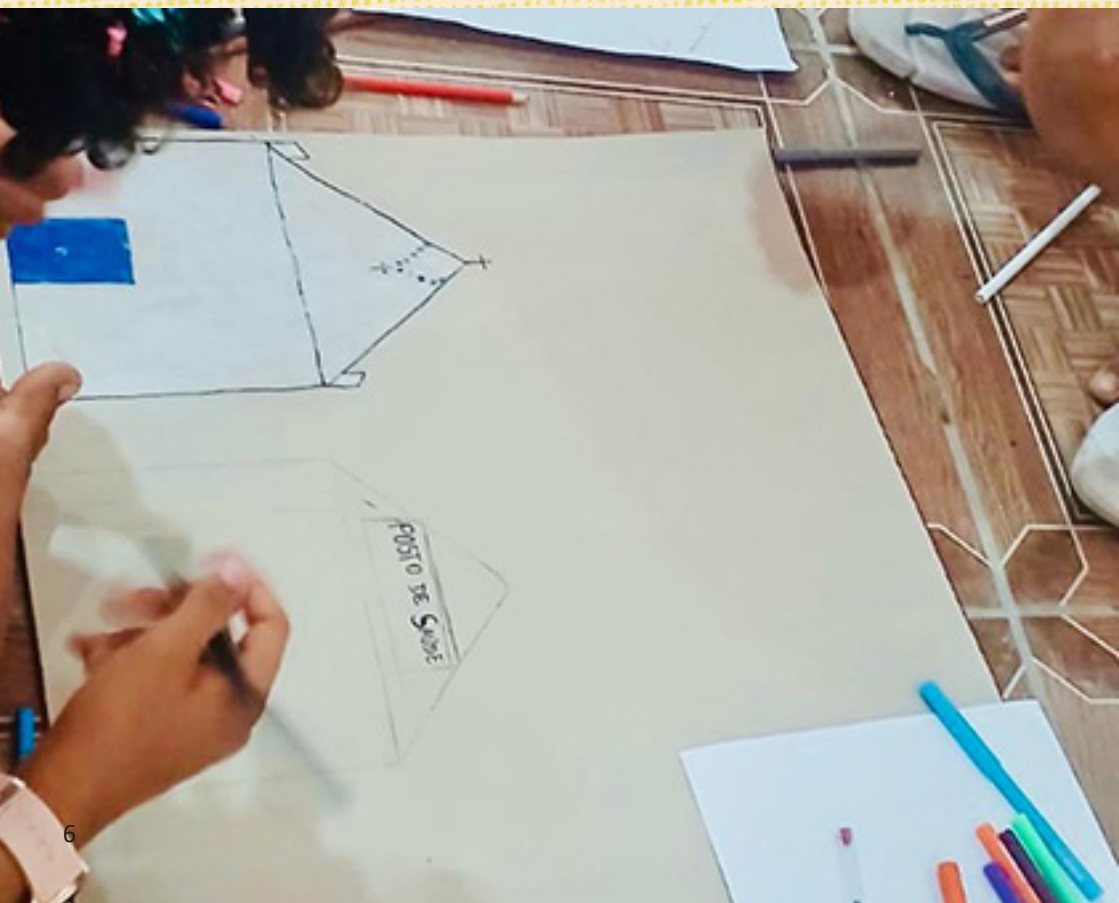
**“Contamina a água,
os peixes, os animais.
E os alimentos das
pessoas são contami-
nados, aí as pessoas
comem e acabam
adoecendo”.**

Dados do IBAMA mostram que em 2024 quase 10 mil toneladas de agrotóxicos foram comercializados no Piauí. Esse número significa quase 3 litros de veneno para cada habitante do estado. Esse comércio é estimulado porque o governo não cobra impostos das empresas que vendem esses venenos. Isso estimula a destruição causada pelo agronegócio, que desmata, queima e polui áreas próximas às comunidades.



Com a expansão dos monocultivos de soja do agronegócio no Cerrado, as comunidades próximas sentem os impactos desses venenos, como o cheiro forte e a poluição do ar, da água e do solo. Isso afeta a saúde de todos. As crianças explicam os impactos dos agrotóxicos para a saúde, a partir de sua própria experiência em comunidades que resistem ao avanço do agronegócio.

“As pessoas ficam doentes porque a saúde fica fraca. O cheiro é desconfortável, enjoa e dá falta de ar”.



Os trabalhadores das fazendas que aplicam agrotóxicos sentem problemas na pele, como coceira, bolhas e queimaduras. Esses venenos também causam tosse e dificuldade para respirar. Muitas vezes o agronegócio pulveriza agrotóxicos com drones ou aviões e o veneno chega até as comunidades próximas, com impactos nas casas, roupas, alimentos, nas pessoas e nos animais.

**“Causa câncer,
mata os animais e
a terra fica fraca
por causa da
química”.**

**“O agrotóxico é
perigoso porque
pode levar a
contaminação para
dentro de casa, nas
mãos, na roupa”.**



Os agrotóxicos são praticamente desregulados no Brasil, mesmo os mais perigosos que foram proibidos na União Europeia e em outros países. O Brasil precisa de leis e fiscalização adequadas para controlar o uso desses venenos e acabar com os incentivos fiscais que estimulam a destruição ambiental. É urgente que o Estado brasileiro crie leis para banir os venenos, proibir a pulverização aérea, construir territórios livres de agrotóxicos e investir em práticas agroecológicas.



“Eu senti dor de barriga com tontura e dor de cabeça. Transfere o cheiro pra gente, para os pulmões da gente”.



As comunidades que protegem o Cerrado demandam ações urgentes do governo contra o desmatamento, a contaminação das águas e do solo pelo agronegócio. As crianças no Cerrado querem construir um futuro com florestas, biodiversidade, água e alimentos saudáveis.

“Eu quero um futuro bom, sem desmatamento, com alimento e água”.

“Floresta para sempre, saúde, alegria, amor e paz”.

As crianças descrevem seus desenhos, que retratam a realidade das comunidades no Cerrado para preservar a biodiversidade.



**“A casa, os pés
de coco, de buriti,
as colmeias, as aves.
Eu gosto de morar
na natureza”.**

**“As árvores,
as abelhas vivendo
aqui nas flores,
o rio e os animais
tranquilos”.**

O Estado precisa investir em políticas públicas que valorizem os saberes e práticas ancestrais dos sistemas alimentares das comunidades. É urgente garantir os direitos das comunidades para preservar o Cerrado.

“Eu desenhei
um vaso de flor
com coração,
porque a gente
cuida de flor”.

“Eu planto aqui
a sementinha
da esperança”.



Impactos dos agrotóxicos no Brasil

O Brasil está entre os maiores consumidores de agrotóxicos do mundo. Esse cenário está relacionado ao poder do agronegócio que causa destruição ambiental e violência contra comunidades camponesas, indígenas e quilombolas. O agronegócio recebe grandes montantes de recursos públicos e incentivos fiscais para a produção de monocultivos, em uma pauta reduzida de exportação de commodities como soja e cana-de-açúcar.



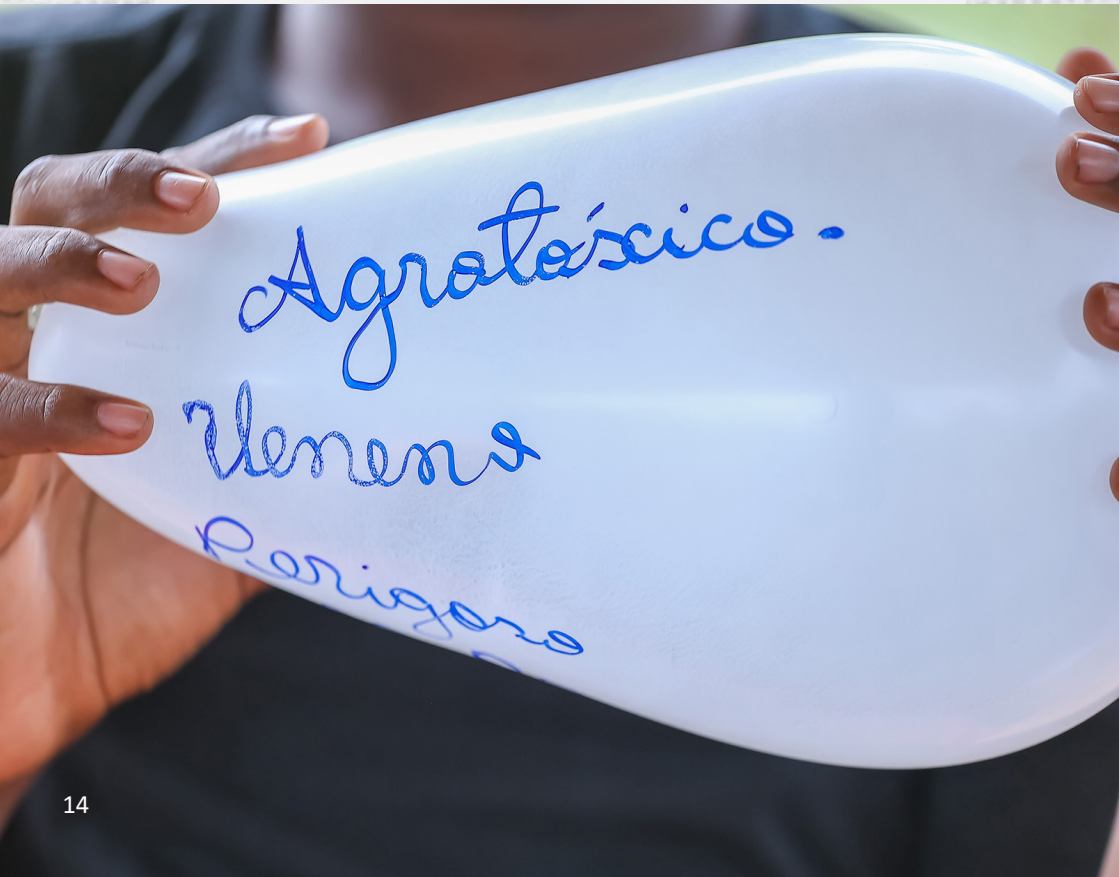


A expansão de monocultivos do agronegócio nas últimas décadas aumentou o consumo de agrotóxicos, que causam poluição do meio ambiente e graves impactos para a saúde humana. Entre 2010 e 2021, o volume de agrotóxicos consumidos no Brasil aumentou 87%, sendo mais da metade destinada à soja. Monocultivos de soja, cana-de-açúcar, milho e algodão respondem por 83% dos agrotóxicos comercializados no país¹.

Segundo dados do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), em 2024 a comercialização de agrotóxicos no Brasil atingiu 825,8 mil toneladas, representando um crescimento de 9,3% em comparação a 2023. Dados do Ministério da Agricultura e Pecuária revelam que em 2025 o número de agrotóxicos aprovados aumentou, chegando a 914 novos registros, o que representa um aumento de 38% em relação a 2024.

¹ Diversos Autores. *Atlas dos agrotóxicos: Fatos e dados do uso dessas substâncias na agricultura*. Fundação Heinrich Böll, Rio de Janeiro, 2024.

A cadeia de produção das commodities agrícolas é marcada por concentração econômica de corporações transnacionais, tanto na comercialização quanto nos segmentos de sementes e insumos químicos. O mercado global de agrotóxicos é controlado por poucas megacorporações transnacionais que também dominam o mercado de sementes industriais, em sua maioria transgênicas e desenvolvidas para resistir aos pesticidas produzidos por essas mesmas empresas. Corporações como Syngenta, Bayer, BASF e Corteva concentram grande parte deste mercado para impor um sistema agrícola que aprofunda a dependência de insumos químicos, de sementes patenteadas e de agrotóxicos.

A close-up photograph of a person's hands holding a white, slightly crumpled plastic bottle. The bottle has handwritten text in blue ink. The text is arranged in three lines: 'Agrotóxicos.' on the top line, 'Venenos' on the middle line, and 'Perigoso' on the bottom line. The background is blurred, showing what appears to be a person's face and some greenery.

Agrotóxicos.
Venenos
Perigoso



O Estado brasileiro incentiva o uso de agrotóxicos pelo agronegócio através de isenções fiscais, infraestrutura logística e crédito agrícola subsidiado. O poder do agronegócio também tem sido favorecido pela atuação do Congresso Nacional, com a desregulamentação das regras para a utilização de agrotóxicos. Muitos desses venenos são proibidos na União Europeia ou são autorizados em quantidades significativamente menores do que no Brasil, porque causam graves danos à saúde humana e ao meio ambiente.

As pesquisas de Larissa Bombardi² destacam a expressiva disparidade entre as legislações do Brasil e da União Europeia, que restringe o consumo de agrotóxicos em seu território, mas não proíbe a exportação destes venenos para outros países. Também não há restrição para empresas do setor com sede na União Europeia, mas que possuem fábricas de agrotóxicos em países onde a legislação favorece o uso dessas substâncias, como é o caso brasileiro.

² Larissa Bombardi. “Geografia do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões com a União Europeia”. São Paulo: FFLCH - USP, 2017.



Este é o caso do glifosato, o agrotóxico mais consumido no Brasil e utilizado nos cultivos transgênicos. Esse produto é classificado pela IARC/OMS como provavelmente cancerígeno para seres humanos, mas o limite permitido na água potável no Brasil é cinco mil vezes maior do que o autorizado na União Europeia. O glifosato está associado a sérios problemas neurológicos, especialmente na infância, podendo provocar desordens motoras e comportamentais³.

Com o aumento da quantidade de agrotóxicos utilizados no Brasil e a autorização para o uso de novos venenos, as corporações multinacionais ampliam seus lucros, enquanto se agravam os impactos sociais e ambientais nas regiões de produção de commodities e também nos alimentos consumidos pela população. Assim, os impactos dos agrotóxicos atingem a população em geral, inclusive nos países onde essas substâncias são proibidas, mas que importam commodities agrícolas ou alimentos processados. Porém, seus efeitos incidem de forma mais intensa

³ Bombardi, Larissa. Agrotóxicos e colonialismo químico. São Paulo: Elefante; 2023.

sobre grupos específicos, como trabalhadores na produção agrícola e em comunidades rurais próximas aos monocultivos do agronegócio. As crianças expostas a este tipo de veneno sofrem graves impactos.

A exposição aos agrotóxicos pode causar intoxicações agudas e problemas crônicos de saúde através da contaminação do ar, da água, do solo e dos alimentos. Além disso, há registros recorrentes do uso de agrotóxicos pelo agronegócio como “arma química” contra comunidades rurais. A Comissão Pastoral da Terra (CPT) aponta que comunidades tradicionais, camponesas, quilombolas e indígenas sofrem efeitos da contaminação do agronegócio. Em 2024, a CPT registrou 276 ocorrências desse tipo, atingindo 17.027 famílias⁴.

Em 2025, o Brasil registrou o maior número de casos de intoxicação por agrotóxicos dos últimos 11 anos, segundo dados do Ministério da Saúde. Foram 9.729 ocorrências notificadas, que representam um aumento de 84% em relação a 2015. Considerando o período entre 2015 e 2025, a faixa etária com maior número de casos foi a de 20 a 39 anos, com 23.045 notificações, cerca de um terço do total. Em seguida aparecem as crianças de 1 a 4 anos, que somaram 17.476 casos, aproximadamente um quarto das vítimas. As intoxicações por agrotóxicos podem causar náuseas, vômitos, dor de cabeça, dificuldades respiratórias e coceiras na pele, entre outros sintomas. Esse tipo de ocorrência representa 89% dos casos de intoxicação por agrotóxicos registrados de 2015 a 2025⁵.

⁴ Comissão Pastoral da Terra (CPT). Conflitos no Campo Brasil 2024. Goiânia: Centro de Documentação Dom Tomás Balduino (CEDOC/CPT), 2025. Disponível em: https://cptnacional.org.br/wp-content/uploads/2025/04/CPT2024_ConflitosNoCampo-web.pdf

⁵ Ver em: <https://reporterbrasil.org.br/2026/03/brasil-recorde-intoxicacao-agrotoxico/>

Os efeitos crônicos podem causar câncer, problemas neurológicos, impactos na saúde reprodutiva, desregulação endócrina e alterações genéticas. Estas enfermidades tendem a se manifestar após a exposição repetida a agrotóxicos durante um período de tempo, o que muitas vezes dificulta a associação direta e contribui para seu subdiagnóstico. Diversos estudos apontam para o problema da subnotificação e estimam que os números reais sejam significativamente maiores.

As crianças, especialmente aquelas que vivem em áreas rurais com elevada exposição aos agrotóxicos, são um dos grupos mais vulneráveis a seus efeitos. Há especificidades tanto no contexto de exposição quanto nas características fisiológicas das crianças que agravam os casos de contaminação, pois seus organismos estão em desenvolvimento e seu sistema imunológico ainda não está completamente desenvolvido.



Além disso, proporcionalmente, a quantidade de substâncias tóxicas ingeridas é significativamente maior em crianças do que em adultos, o que as torna particularmente vulneráveis às intoxicações, devido ao menor peso corporal e à maior dose relativa de agrotóxicos absorvida. Em crianças, são recorrentes os relatos de náuseas, vômitos, dor de cabeça, tontura, irritação na pele e dificuldades respiratórias. Também há pesquisas que mostram os efeitos crônicos e mais “silenciosos” da exposição infantil, como alterações no desenvolvimento neurológico, distúrbios hormonais, malformações, problemas respiratórios e imunológicos, além de diversos tipos de câncer no longo prazo.

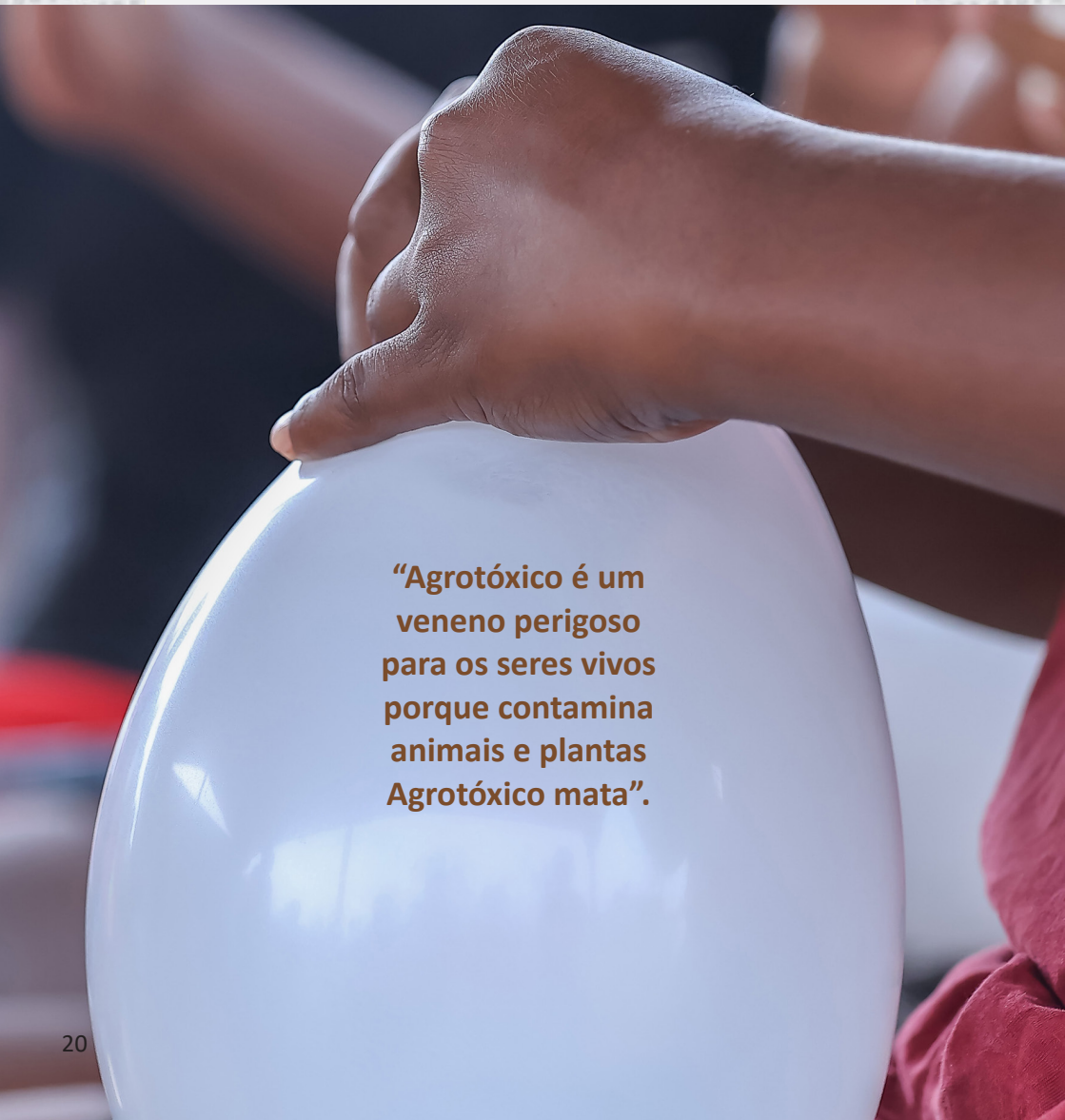
A Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) e a Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP) sistematizaram evidências de danos à saúde reprodutiva humana em situações de exposição aos agrotóxicos no Brasil. No que se refere à saúde infantil, os principais resultados foram agrupados em desfechos classificados como neoplasias, alterações genéticas, desfechos perinatais, distúrbios endocrinológicos e alterações reprodutivas relacionadas à concepção e à gestação⁶.

De modo geral, as crianças são expostas aos efeitos dos agrotóxicos desde a fase intrauterina, durante a amamentação e, posteriormente, ao longo da vida⁷. Outra forma de exposição infantil aos agrotóxicos ocorre por meio da ingestão de alimentos e água contaminados. Essa exposição pode ter início ainda no período neonatal, por meio do leite materno, e posteriormente pela ingestão de água e alimentos contaminados.

⁶ Dossiê Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO); Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP/Fiocruz). *Danos dos agrotóxicos na saúde reprodutiva – conhecer e agir em defesa da vida*. Rio de Janeiro: Abrasco/ENSP, 2024. Disponível em: <https://abrasco.org.br/>.

⁷ Abrasco e ENSP, 2026.

No meio rural, comunidades e escolas próximas aos monocultivos do agronegócio são as mais afetadas pela contaminação. O próprio ato de brincar em contato com o solo contaminado representa um grave risco para as crianças, que podem ingerir resíduos de substâncias tóxicas. A absorção dessas substâncias pode ocasionar consequências mais perigosas para a saúde infantil.



“Agrotóxico é um veneno perigoso para os seres vivos porque contamina animais e plantas Agrotóxico mata”.

